



## **A Sombra das Almas<sup>1</sup>**

Paula Peçanha de Oliveira<sup>2</sup>

André Luis Carvalho<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

A fotografia é um exercício estético que trabalha muitas vezes com um referente incontrolável, fazendo com que o fotógrafo tenha que negociar com as condições e contextos de sua captação. A foto, inscrita, transforma-se em outra imagem após ser captada, diferente da que se enxergava antes do clique do câmera. Uma realidade específica, que depende das condições de produção, da expectativa do produtor e do que se busca. A imagem que apresento surgiu a partir de cenas paralelas, de um universo ao redor do que eu perseguia - no caso a Procissão das Almas, em Mariana/MG - e tem como uma de suas pretensões trabalhar com a imaginação do receptor sugerindo, apontando e insinuando frente ao tema proposto e ao momento retratado.

**Palavras-chave:** fotografia; expressão artística; primeira e segunda realidades; sombra; referente.

### **Introdução**

O fotógrafo elabora um trabalho, raciocina, sente e produz uma imagem a partir da sua técnica, cultura e experiência de vida. A boa fotografia é claramente um resultado do trabalho árduo de alguém. Mas não é composta só disso. Fotografar não é apenas apertar o disparador, nem tampouco somente sentir o momento. Fotografar é

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Premio Expocom 2012, na categoria Modalidade Produção Editorial Fotografia Artística (avulso).

<sup>2</sup> Aluna do 5º. semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: [paulaapecanha@gmail.com](mailto:paulaapecanha@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo- da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: [adlcarvalho@gmail.com](mailto:adlcarvalho@gmail.com)



sentir, raciocinar e assim recriar o mundo a partir das nossas concepções. Para Bresson: “Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração”.

A partir disso, surgem as primeiras dúvidas: o que fotografar? Como achar um tema? Para Henri-Cartier Bresson o tema se impõe e não há como negá-lo. O autor afirma que “existem temas em tudo o que se passa no mundo bem como no nosso universo mais pessoal, basta ser lúcido perante o que se passa e honesto face ao que sentimos. Situar-se, em suma, em relação ao que se percebe.”( BRESSON, 2004). Ou seja, o tema está em todo o lugar, basta saber enxergá-lo. Como dito por João Cabral de Mello Neto: “Fotografar, afiar a navalha nos olhos”.

Dessa forma, com a compreensão da fotografia como algo que não é apenas um registro imagético frio, podemos percebê-la também como signo, índice e que está intimamente ligada ao seu referente. No livro “O ato fotográfico”, Phillipe Dubois discorre sobre a presença da sombra como um “puro índice, que só existe na presença de seu referente” (DUBOIS, 2010, P. 118). Já que “A sombra afirma sempre um ‘isso está ali” (DUBOIS, 2010, P. 120). Ou seja, a sombra (ou a silhueta, como na fotografia que escolhi) é índice por ser um traço, uma pista deixada por algo que produz. A sombra não é a coisa, ela lembra a presença da coisa. Ela é essencialmente um índice muito forte. Ainda para Kossoy:

O fotógrafo constrói o signo, a representação. Nessa construção uma nova realidade é criada. Longe de lançarmos dúvidas quanto à existência/ocorrência do assunto representado, ou mesmo de sua respectiva aparência, devemos considerar que, do objeto à sua representação, existe sempre uma transposição de dimensões e de realidades.<sup>4</sup>

Dubois apresenta a fotografia como o índice e como uma representação a ser interpretada. Porém informa: “[a fotografia] é em primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo)” (DUBOIS, 2001, p. 53). De forma diferente, mas no mesmo caminho Kossoy acredita em uma “realidade da fotografia”, específica, própria: “Uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, sua realidade exterior) e de segredos implícitos (sua história particular, sua realidade interior), documental, porém imaginária.” (KOSSOY, 2009, p. 47-48).

---

<sup>4</sup> KOSSOY, 2009, p.43



A respeito do processo de construção e transposição de realidades fotográficas, Kossoy propõe que existem a primeira e a segunda realidades. A primeira realidade é o contexto do assunto escolhido para ser fotografado, ou seja, “é o próprio passado” (KOSSOY, 2009, p. 36). Essa realidade é a “do assunto em si na dimensão da vida passada; diz respeito a história particular do assunto independente da representação” (KOSSOY, 2009, p. 36). A segunda realidade é aquilo que o assunto assume após ser representado, ou seja, é “a realidade fotográfica do documento, referência sempre presente de um passado inacessível” (KOSSOY, 2009, p. 37). Assim, a segunda realidade, a fotografia, surge de um referente muitas vezes incontrolável, sua primeira realidade, presente no mundo, sujeito a condições de luz diversas e adversas, ações de sujeitos e ao acontecimento.

O fotógrafo muitas vezes negocia com essas condições de captação do referente, com a maneira como ele se coloca para mim e ângulos que me permite construir. A imagem dele vai ser transformada em outro tipo de imagem, a representação, que neste caso se estabelece em um plano. A segunda realidade é bidimensional, só tem altura e largura. Ela vai reconstruir esse mundo em um universo de representações. O vulto do homem que aparece em minha foto não estava dessa cor, desse tom, eu não o vi assim, sequer o enxerguei assim. Eu vi seu rosto. No entanto, ele se transforma em outra imagem. Diferente da que eu olhava, diferente da minha primeira realidade. Uma segunda realidade específica. Ela mostra uma forma, cada leitor completa como quer o seu conteúdo.

## **Objetivo**

O objetivo desse trabalho era buscar uma imagem que, de alguma forma, estabelecesse conexão com esta procissão das almas. Procurar uma imagem que de alguma forma traduzisse sua “realidade”, sua idéia, seu conceito. Era um exercício estético que tinha intenção de, além da documentação do acontecimento, experimentar formas de expressá-lo pelo não óbvio. A procura não era só por seu universo mais descritivo ou narrativo, a procissão e os que dela participam ativamente. Mas também pelo que acontece ao seu redor, e que, durante o percurso, conecta-se, de forma sgnica, a uma procissão de almas.



## **Justificativa**

Tendo em vista uma imagem que, de alguma forma, se relacionasse com essa procissão das almas, acabei encontrando uma cena solitária, em uma janela, transformada em vulto, em sombra. A variação de luz e sombra mostra a presença de um homem, “possivelmente” negro na janela. Quem vê essa foto não sabe exatamente quem é esse homem, o que ele faz ali, o que pensa e o que sente. É possível pensar que essa imagem induz a uma história por detrás. Kossoy, pensando na primeira realidade, também como realidade implícita, chama-a de realidade interior: “Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente” (KOSSOY, 2009, p. 36). Essa imagem mais aponta, insinua, que conta explicitamente, por isso ela é tão marcadamente indicial, e seu valor icônico talvez não seja tão elevado. Ela não detalha toda a aparência da coisa. Considerando que o contraluz é uma sombra, podemos lembrar a citação de Dubois, e perceber que o valor dessa imagem está em insinuar, sugerir, apontar e trabalhar com essa imaginação do receptor. A força dessa foto não está somente naquilo que mostra, mas especialmente no que sugere.

## **Descrição do produto ou processo**

Retrato, colorido, em contraluz, produzido e enviado para o Expocom em meio digital, com 2.805 de largura e 1.863 de altura e formato 35mm feito partir de um ensaio fotográfico durante a Semana Santa em Mariana, Minas Gerais, no dia 7 de Abril de 2012. A fotografia apresentada faz parte de cenas ao redor de uma manifestação religiosa que ocorre na madrugada da Sexta-Feira da Paixão para o Sábado de Aleluia, chamada “Procissão das Almas”. Desde 1850 a procissão acontece, e é mantida por fiéis que saem às ruas em um cortejo por todo o centro histórico da cidade.

## **Métodos e técnicas utilizados**

No livro "O instante contínuo", Geof Dyer discorre sobre a procura da fotografia por Dorothea Lange: “saber de antemão o que se está procurando nos faz fotografar apenas nossas próprias concepções prévias, o que é muito limitador” (DYER, 2008,



p.15). Saber de antemão o que se está fotografando, te faz fotografar apenas aquilo que está procurando. Você não encontra no mundo somente as coisas que imaginou fotografáveis, você não fotografa as suas expectativas. Para Lange era ótimo um fotógrafo trabalhar “completamente sem plano e só fotografar (...) aquilo a que reage de modo instintivo” (DYER, 2008, p.15). Eu não estava à procura dessa foto especificamente, é mais uma fotografia de encontro, do que uma que eu esperava achar. Ela se ofereceu e eu a fiz, como para Bresson: “Eu não procuro jamais fazer a grande foto, é a grande foto que me oferece”. (BRESSION, 2004). Essa foi a imagem que me pareceu mais significativa, já que não estava preocupada em ser tão descritiva. A minha perspectiva era de poder me despregar um pouco do referente, da descrição absoluta, do aspecto icônico como é feito pelo jornalismo. E a partir disso, entrar em um campo mais indicial, mais libertário e ensaístico.

Para a realização da proposta foi usada uma câmera Nikon D90 no modo manual, com abertura f/1.8 e tempo de exposição 1/500s. Por se tratar de uma fotografia feita na madrugada e em um ambiente em que a iluminação era de velas, fiz a fotometria medindo a exposição do local mais iluminado da cena (dentro da casa), recompos a imagem e fotografei. Daí surgiu o assunto fotografado em contraluz.

Durante todo o processo usei a objetiva 50 mm, f/1.8, AF que, por se tratar de uma lente fixa (não zoom), possui uma construção que permite uma boa nitidez. Além de uma abertura clara (f/1.8), podendo dispensar o uso do flash em ambientes de pouca iluminação. Uma 50 mm é considerada uma lente normal, porque seu ângulo de cobertura é considerado normal para a visão humana, aproximando o observador do que é fotografado. Ela te estimula a se aproximar do assunto, fazendo o fotógrafo se mexer mais para encontrar o enquadramento ideal.

Jorge Pedro Souza (2002) afirma que a partir do contraluz “valoriza-se a forma em detrimento do conteúdo, perdendo-se informação para se ganhar conotação e valor estético formal” (SOUZA, 2002, p.94). O autor também pontua que o contraluz acentua recortes e produz formas bem definidas, mas faz perder a maior parte dos pormenores nas sombras e reduz o relevo” (SOUZA, 2012, p.95).

### **Considerações finais**

Embora um perfil geralmente ofereça informações insuficientes para que se obtenha um retrato significativo e, somado a isso, eu tenha escolhido o artifício de criar



uma silhueta, essa fotografia se mostra a partir de um mundo de formas e contornos, cheios de mistérios e diferentes emoções. Nela, a imagem do homem negro se encontra dotada de mistério, em que não se sabe quem exatamente está sendo fotografado. A silhueta simplifica a forma a fim de acentuar o caráter abstrato da figura. A forma negra pode ser identificada como um ser humano a partir do contorno da cabeça, nariz e pescoço, que deixa ver uma pequena parte a cor de sua pele e, segundo John Hedgecoe “é possível criar uma sólida massa negra, em que a forma constitui a chave para reconhecer o objeto.”(HEDGECOE, 1983). A imagem da fotografia escolhida é uma sombra que leva o leitor para um mundo de outras conexões, reinventando-o. É uma segunda realidade que está ligada ao seu referente, mas que não tem obrigação de descrevê-lo minuciosamente.



### **Referências bibliográficas**

DYER, Geoff. **O instante contínuo, uma história particular da fotografia**. SP: Companhia das Letras, 2008.

HEDGECOE, John. **Manual de Fotografia**. SP: Melhoramentos, 1983

Kossov, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.



ROUILLE, André. **A Fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac, 2009.

CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza**. Portugal: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas/SP: Editora Papyrus, 2010

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Uma introdução à historia, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002.